

O USO DO SOLO E A QUESTÃO AMBIENTAL NA REGIÃO SUDOESTE DA BAHIA - BRASIL

Meirilane Rodrigues Maia¹
Edvaldo Oliveira²
Espedito Maia Lima³

RESUMO

A Região Sudoeste da Bahia tem uma área total de 42.542,9 km², sendo composta de 39 municípios, com uma população de 1.143.947 habitantes. Abrange expressiva diversidade geoambiental, com trechos da Mata Atlântica, Caatinga e diversas formações intermediárias. Essa pesquisa tem como objetivo analisar o uso dos recursos naturais e a problemática ambiental na Região. A área possui características facilitadoras dos processos erosivos em decorrência dos seguintes aspectos: topografia acidentada; elevada erodibilidade e erosividade e pequeno poder de proteção exercida pela cobertura vegetal. A ocupação territorial esteve fortemente vinculada a pecuária, em que mais de 60% das terras da região são ocupadas com pastagens, na atualidade. Os mapeamentos e os levantamentos de campo permitiram identificar como principais problemas e conflitos socioambientais: a compactação dos solos nas áreas de pecuária, erosão e depauperamento nas áreas de agricultura de subsistência, contaminação do solo e da água nas áreas irrigadas, contaminação dos recursos hídricos pelos esgotos urbanos e uso de agrotóxicos, degradação ambiental pelas atividades mineradoras, queimadas e descontrole na destinação e tratamento dos resíduos sólidos. A busca de solução de tais conflitos implica no necessário envolvimento de cada município na sua superação, perpassando também pelos possíveis consórcios municipais.

PALAVRAS-CHAVE: Uso do solo. Problemas ambientais. Região Sudoeste.

¹ Professora de Geografia do Brasil da UESB- Doutorando em Geografia pela UFS. E-mail: meire.rmaia@gmail.com

² Professor de Cartografia da UESB- Doutorando em Geografia pela UFS. E-mail: edvaldocartografia@gmail.com

³ Professor de Geografia Física da UESB -Doutorando em Geografia pela UFS. E-mail: espeditomaia@gmail.com

INTRODUÇÃO

A Região Sudoeste da Bahia é composta de 39 municípios e uma área total de 42.542,9 km². Abrange expressiva diversidade geoambiental, com trechos da Mata Atlântica, Caatinga e diversas formações intermediárias.

A área em questão possui características facilitadoras dos processos erosivos em decorrência dos seguintes aspectos: topografia acidentada; elevada erodibilidade dos solos; erosividade das chuvas e pequeno poder de proteção exercida pela cobertura vegetal.

A ocupação territorial esteve fortemente atrelada a pecuária, em que mais de 60% das terras da região são ocupadas com pastagens, na atualidade.

Os levantamentos de campo permitiram identificar como principais problemas e conflitos socioambientais: a compactação dos solos nas áreas de pecuária, erosão e depauperamento nas áreas de agricultura de subsistência, contaminação do solo e da água nas áreas irrigadas, contaminação dos recursos hídricos pelos esgotos urbanos, degradação pelas atividades mineradoras, queimadas, descontrole na destinação e tratamento dos resíduos sólidos.

A busca de solução de tais conflitos implica no necessário envolvimento de cada município na sua superação, perpassando também pelos possíveis consórcios municipais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A análise das características geoambientais, avaliação do potencial de uso e sua correlação com o uso atual e a avaliação das principais derivações ambientais da área de estudo foi feita individualmente para cada unidade de paisagem.

As unidades de paisagem foram identificadas com base nas cartas temáticas de Brasil (1981) e interpretação de imagens de satélite, tendo o relevo um peso mais significativo na sua delimitação.

As etapas de trabalho constaram basicamente de:

- Reconhecimento preliminar da área de estudo em que foram feitas anotações de aspectos importantes da paisagem;

- Delimitação das principais unidades ambientais da área, levando em consideração as suas características físico-ambientais. Para tanto, foram utilizados mapas temáticos na escala de 1:1.000.000 do Projeto Radambrasil (BRASIL, 1981), que também serviu de suporte para a caracterização dos ambientes delimitados. Esta etapa de trabalho baseou-se a superposição dos mapas temáticos de geologia, geomorfologia, solos e vegetação, acrescidos da interpretação das imagens de satélite e de uma análise climática regional. Dentre estas características, foi dado um maior peso aos aspectos geomorfológicos, em decorrência das características ambientais específicas da região;

- Deslocamento a campo para checagem dos aspectos mapeados e levantamento das características ambientais de cada unidade. Dentre as características levantadas, destacam-se aquelas mais relacionadas com o potencial ambiental e as limitações ao uso dos recursos naturais, que conjuntamente definem o grau de sustentabilidade ambiental. Esta etapa foi também utilizada para levantamento dos principais problemas ambientais atuais, derivados da incompatibilidade entre o potencial e o uso atual dos ambientes.

UNIDADES AMBIENTAIS DA REGIÃO SUDOESTE: CARACTERÍSTICAS, USO DO SOLO E PROBLEMÁTICA AMBIENTAL

As unidades ambientais que compõem a Região Sudoeste estão distribuídas espacialmente conforme mostra a Figura 1.

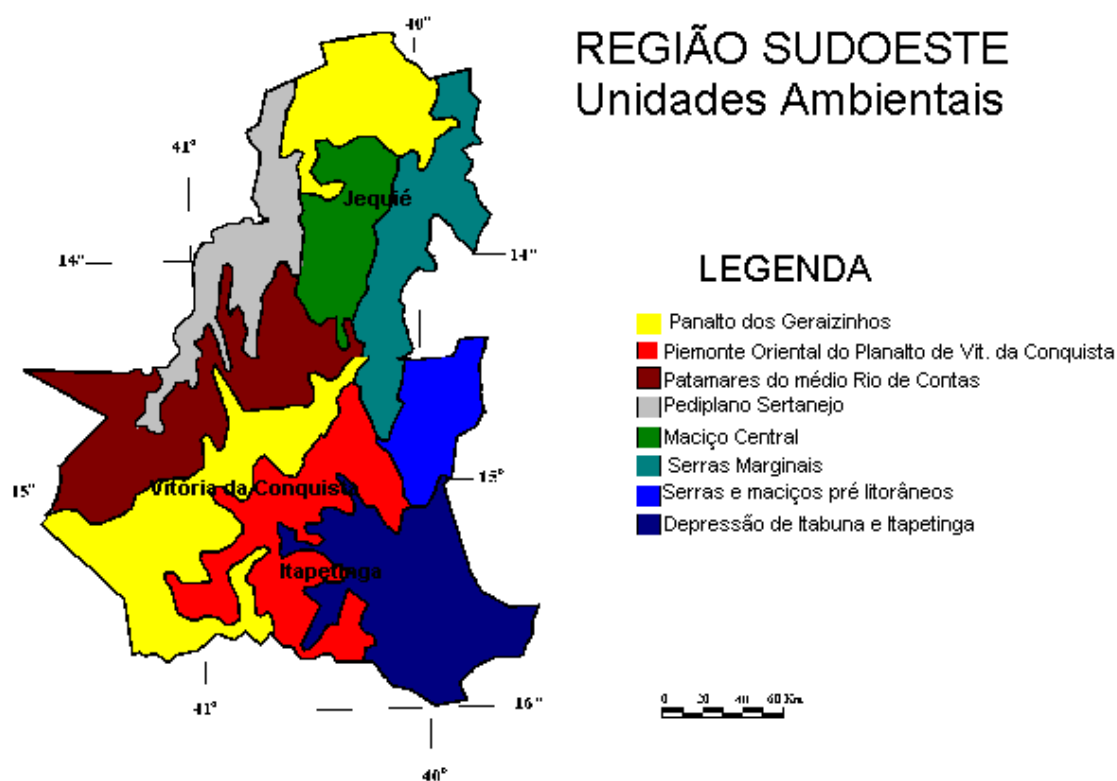


Figura 1: Unidades Ambientais da Região Sudoeste da Bahia

PLANALTO DOS GERAIZINHOS

Corresponde a uma unidade do conjunto dos Planaltos Cimeiros, que por sua vez são componentes do domínio dos Planaltos Inumados. Esta unidade, também denominada Planalto Sul Baiano, compõe o conjunto de estruturas elevadas do centro da Região Sudoeste, estando subdividido em duas subunidades: Planalto de Vitória da Conquista e Planalto de Maracás-Jaguaquara, separados pela depressão do Rio de Contas.

A altimetria varia entre 500 e 1.000m, ocorrendo algumas cristas residuais isoladas nos trechos norte e leste da Cidade de Vitória da Conquista.

Esta unidade é caracterizada pela ocorrência de topografia tabular, que compõe uma superfície geomorfologicamente estável, sendo comum a ocorrência de espessas formações superficiais, compostas de material eluvial misturado a depósitos detríticos do Terciário e Quaternário.

Os limites entre o Planalto dos Geraizinhos e as unidades vizinhas se dão quase sempre por vertentes abruptas, principalmente as voltadas para o setor oriental. Estas, normalmente apresentam festonamentos, provocados pela erosão remontante da drenagem que compõe as bacias do Rio de Contas, Pardo e Jequiriçá. A disposição destas encostas é originalmente comandada pelo controle estrutural, sendo comum a ocorrência de recortes retilíneos e rochas fraturadas.

O trecho oriental do planalto é dotado de maior umidade em função do efeito orográfico na gênese das precipitações, sendo, por conseguinte, a área que apresenta solos mais desenvolvidos, drenagem perene e remanescentes de vegetação de porte florestal. Esta área evolui submetida a uma morfogênese predominantemente química, através de uma intensa decomposição das rochas e de forte ação incisiva da drenagem, conferindo à mesma uma topografia bastante movimentada. É também um trecho de potencialidades agrícolas mais elevadas, que se refletem em uma maior utilização dos solos, principalmente com a cultura do café, pastagens e com culturas de subsistência.

A vertente a sotavento evolui através de uma morfogênese mecânica em função da semi-aridez reinante, sendo caracterizada por um menor índice pluviométrico, solos mais rasos, vegetação xerófila e menor grau de utilização agrícola das terras.

A parte cimeira do planalto corresponde a uma intergradação entre os dois setores anteriores, sendo nitidamente uma área de transição entre a floresta e a caatinga, com ocorrência de espessos mantos de alteração.

A permanência até hoje desses solos maduros justifica-se pela estabilidade da superfície cimeira do Planalto, estabilidade esta que não permite uma ação intensa dos agentes morfodinâmicos.

As bordas do Planalto são caracterizadas por uma maior dissecação do relevo. Nestas áreas de maior morfodinâmica subatual e atual desenvolvem-se solos do tipo Luvissole e Argissolo. Os rios apresentam normalmente vales muito alargados, normalmente na forma de “U” ou de “V” aberto. As cabeceiras de erosão são caracterizadas pela ocorrência de alvéolos, principalmente nos setores mais úmidos da região, marcando as cabeceiras dos rios principais e seus tributários.

É uma área marcada por fortes e rápidas modificações ambientais, principalmente pela pecuária e agricultura de subsistência e pela implantação da cultura cafeeira na década de 1970. A implantação desta cultura implicou em intenso processo de desmatamento, muitas vezes praticado em áreas de preservação permanente, como é o caso de margens de rios e riachos e das encostas abruptas do Planalto.

O cultivo intenso e com forte uso de agrotóxicos, em algumas localidades, vem colocando em risco a capacidade de armazenamento dos reservatórios que abastecem os centros urbanos da região, bem como a qualidade das águas destes reservatórios.

Na área de plantio de café foi detectada a retirada da cobertura vegetal de floresta decidual e semidecidual, resultando em alto grau de devastação. Algumas áreas foram convertidas em pastagens, em decorrência da queda do preço do café, voltando posteriormente a serem ocupadas com esta lavoura, através de novos plantios. A derrubada das florestas conduz à presença de ravinamento.

Próximo às áreas urbanas verifica-se um agravamento dos problemas de poluição dos recursos hídricos, em decorrência da disposição final de esgotos diretamente nos canais fluviais, em alguns casos, como no Rio Água Preta (Encruzilhada), e pela incorporação das águas poluídas das lagoas de estabilização de Vitória da Conquista à drenagem do Rio Verruga. Este fato implica na elevação imediata da concentração de coliformes fecais para mais de 2400/100ml.

As áreas próximas aos centros urbanos são marcadas por intensas modificações ambientais, principalmente pela retirada de areia para a construção civil, principalmente nas cristas quartzíticas dos arredores de Vitória da Conquista e nas proximidades do povoado de Barra Nova, com impactos de pequena abrangência territorial, mas de altíssima magnitude.

Nas áreas mais deprimidas do planalto constatam-se fortes alterações das características dos solos em decorrência da extração de argilas para a fabricação de tijolos. Vale ressaltar que esta atividade quase sempre implica também na extração de madeira e lenha da vegetação nativa para sua queima.

Nas encostas com pastagens de gramíneas foi diagnosticada a presença de terracetes causados pelo pisoteio excessivo do gado, que conduz a formação de pequenas ravinas e sulcos mais profundos.

MACIÇO CENTRAL

Ocupa uma área do setor centro-norte da região, constituindo um núcleo elevado, de rochas cristalinas, com altitudes que variam, predominantemente, entre 300 e 700m.

A área é caracterizada pela ocorrência de topos convexizados, com dissecação grosseira, com expressivas amplitudes altimétricas entre os topos dos interflúvios e os fundos de vale. Essa profunda incisão da drenagem permite a formação de vales profundos em V, com vertentes abruptas, apresentando ângulos de inclinação muito fortes. Esta característica reverte-se como uma das limitações naturais ao uso das terras, não só pela declividade em si, mas também pelas demais características ambientais derivadas, como é o caso dos afloramentos rochosos, a pedregosidade superficial, a pequena profundidade dos solos nas encostas íngremes.

Esta área é marcada pela presença de Luvisolo Crômico, Cambissolo Háptico Eutrófico e Solos Litólicos Eutróficos.

São áreas de baixa capacidade de suporte em relação às atividades econômicas, e, portanto, merecedoras de cuidados especiais na adequação destas atividades em relação a verdadeira capacidade de uso das terras, necessitando muitas vezes de atividades voltadas para a recuperação da qualidade ambiental, visto que os processos degradacionais atuais já apontam para estágios críticos do ponto de vista de uma retomada do equilíbrio ambiental.

A quase totalidade da cobertura vegetal nativa encontra-se descaracterizada em função das atividades agropecuárias e extrativismo vegetal.

Nesta unidade observa-se que as atividades mais impactantes estão concentradas nas proximidades da cidade de Jequié que, por constituir-se no maior centro regional, sofre as conseqüências de um crescimento urbano desordenado e pela concentração de indústrias no Distrito Industrial do Mandacaru.

Um dos principais problemas ambientais do Município de Jequié é o lançamento de esgotos no Rio das Contas, ligeiramente minimizado com a implantação da Estação de Tratamento de Esgotos. Os pontos mais críticos localizam-se à jusante da foz do rio Jequezinho e à jusante do Curtume Aliança S. A. Nestes pontos, os níveis de cloretos e nitrogênio amoniacal indicam a elevada carga de contribuição de origem orgânica conduzida ao Rio das Contas proveniente dos rios que drenam para o centro da cidade, recebendo esgotos de origem diversa.

SERRAS MARGINAIS

As Serras Marginais se dispõem no sentido norte-sul, ocupando o setor oriental da região, possuindo altitudes entre 500 e 1.000m, com relevo intensamente dissecado, característica muito marcante nos Planaltos Cristalinos.

Os solos que recobrem esta unidade são, predominantemente, os Latossolos, que ocupam os trechos mais aplainados, e os Argissolos, que se desenvolvem principalmente nas encostas, ocorrendo também manchas de Cambissolos Eutróficos.

Essa distribuição dos solos na unidade ambiental, deriva principalmente da variação das características climáticas, principalmente no que se refere a distribuição das precipitações pluviométricas que são muito variáveis do ponto de vista espacial.

É comum a ocorrência de afloramentos de rocha nos topos e nas encostas, com presença de blocos e matacões. A intensa retirada da cobertura vegetal para o uso agropecuário dos solos, principalmente com a pastagem, têm provocado alteração significativa nas características do ambiente.

Esta unidade convive com os problemas de desmatamento e uso agrícola de áreas de relevo íngreme, expondo vertentes abruptas aos processos morfodinâmicos e fazendo surgir marcas diversas de erosão pelo escoamento difuso e concentrado. A formação de terracetes pelo deslocamento do gado bovino nas vertentes é uma marca frequentemente verificada em campo.

A fruticultura e horticultura têm provocado grande pressão sobre a capacidade de suporte dos ecossistemas da região. Seu manejo não tem obedecido as normas de controle na aplicação dos defensivos agrícolas, tornando-se uma ameaça à saúde do trabalhador e a sanidade do ambiente.

A agricultura de subsistência também é praticada com moldes tradicionais, especialmente com a disposição do cultivo “morro a baixo” o que tem contribuído largamente para um processo contínuo de degradação dos solos e uma ameaça concreta à produtividade agrícola futura.

SERRAS E MACIÇOS PRÉ-LITORÂNEOS

Ocupa uma pequena porção do extremo leste da região, caracterizando-se pela ocorrência de relevos montanhosos, com presença de áreas relativamente planas.

A amplitude altimétrica entre os fundos dos vales e os topos dos interflúvios é muito grande, sendo os interflúvios normalmente de topos convexos. O relevo é marcado pela ocorrência de colinas e cristas, com vertentes íngremes e trabalhadas por uma morfodinâmica muito intensa, marcadamente com presença de afloramentos rochosos nas encostas.

As áreas mais rebaixadas são caracterizadas pela presença rampas com topografias mais suaves, nas quais se desenvolvem solos de grandes potencialidades para a agricultura e pecuária. Essa unidade caracteriza-se pela ocorrência Luvisolo Crômico associado a Chernossolos, largamente utilizados com pastagens.

Em decorrência das características acima referidas e do regime pluviométrico da área, aliado a forma de utilização atual das terras, é comum a presença de marcas de erosão na forma de sulcos, ravinas e movimentos de massa. É também comum nas encostas de maior declividade, a presença de matações e pequenos afloramentos rochosos.

Em face das boas características pluviométricas dessa unidade, não encontramos limitação ao uso das terras por imposição climática. O relevo apresenta limitação baixa a média na maior parte da área e elevada no trecho sudoeste da unidade. As limitações impostas pelos solos são enquadradas nas classes muito baixa a baixa.

Nos trechos cultivados com culturas permanentes, foram detectados poucos conflitos entre o uso do solo e o potencial de uso. Entretanto, as áreas de pastagens se caracterizam por desmatamentos generalizados, sem a observância dos critérios mínimos de proteção das áreas dotadas de maior fragilidade ambiental.

A presença de terracetes e sulcos de erosão são os principais problemas identificados nessa unidade de paisagem.

PIEMONTE ORIENTAL DO PLANALTO DE VITÓRIA DA CONQUISTA

É uma unidade de transição entre o Planalto de Vitória da Conquista e a Depressão de Itabuna-Itapetinga, com altitudes que variam entre 200 e 800m. O relevo é muito movimentado, com características típicas de morfogênese atual e sub-atual muito intensa. A grande dissecação resulta de um trabalho muito eficaz da drenagem dos afluentes da margem esquerda do Rio Pardo.

Nos trechos de relevo mais movimentado predomina o Luvisolo Crômico, enquanto nas áreas transicionais mais próximas do Planalto de Vitória da Conquista, há ocorrência do Latossolo Vermelho Amarelo Álico.

Há também a ocorrência de pequenas manchas de materiais de cobertura de origem detrítico-coluvionar, remanejados das vertentes, através do trabalho morfodinâmico responsável pelo recuo das mesmas.

A vegetação primitiva, de mata, está sendo retirada de uma forma muito intensa, ficando seus remanescentes restritos aos topos, enquanto as encostas são transformadas em pastos. É comum a ocorrência de terracetes nas vertentes devido ao pisoteio do gado.

Esta unidade comporta-se como uma das paisagens mais agredidas na região, visto que as atividades econômicas, principalmente a pecuária, foram instaladas há pouco tempo e com uma brusca alteração das características ambientais, notadamente o desmatamento generalizado.

O superpastejo promove o surgimento de terracetes, quase sempre acompanhando as curvas de nível (em função do caminho preferencial do gado). Outras marcas de erosão foram identificadas na região, especialmente a formação de sulcos, ravinas e movimentos de massa nas encostas mais íngremes.

PATAMARES DO MÉDIO RIO DE CONTAS

Esta unidade encontra-se a oeste do Planalto de Vitória da Conquista, configurando-se como uma transição entre o Planalto e a Depressão Sertaneja. Possui altitudes medianas, na maioria entre 400 e 800 metros, ocorrendo pequenas áreas com elevações mais expressivas.

As características geomorfológicas desta unidade são marcadas pela ocorrência de dissecação uniforme do relevo, compondo sucessões de amplas lombadas e colinas baixas. Em toda a área da unidade identificam-se vestígios de rampas de desnudação e de espraiamento, frequentemente coluviais, remanescentes de um pediplano bastante trabalhado pela erosão.

Os trechos de contato com as vertentes dos planaltos são caracterizados pela ocorrência de relevo bastante dissecado, com incisão profunda da drenagem e revestimento com solos do tipo Argissolo Vermelho Amarelo Distrófico e Latossolo Vermelho Escuro Eutrófico.

O escoamento superficial, difuso e concentrado, predomina em toda a área, deixando suas marcas sob a vegetação de Caatinga, quase sempre rala que recobre a unidade.

O trecho de Caetanos, Mirante e Bom Jesus da Serra é marcado por uma baixíssima taxa de utilização agrícola dos solos, como uma derivação da semi-aridez extrema da região.

No município de Bom Jesus da Serra ainda resta uma grande “cicatriz” de um longo processo de mineração do amianto, conduzido pela empresa SAMA. O processo de mineração já foi concluído e a área da mina foi abandonada sem a adoção de qualquer mecanismo de recuperação da área degradada. Tal fato tem repercussões sociais, ambientais e políticas que vai além dos limites do município ou da região.

PEDIPLANO SERTANEJO

Ocupa o setor oeste da região, sendo caracterizada por um baixo índice pluviométrico e estação seca prolongada. Esta influência climática é acentuada em decorrência também da irregularidade temporal e espacial das precipitações, bem como por uma baixíssima capacidade de proteção do solo contra os processos morfogenéticos.

Os elementos principais que comandam essa evolução são constituídos por uma baixa capacidade de incisão da drenagem e elevada capacidade de rebaixamento dos interflúvios, comandados pelas chuvas torrenciais sobre superfícies semidesnudas, onde o escoamento superficial difuso encontra quase sempre solos de elevada erodibilidade. A paisagem resultante é a formação de superfícies com baixa amplitude altimétrica entre os fundos de vales e topos de interflúvios.

Os solos são jovens e pouco espessos, representados por Argissolos e Planossolos, associados ao Latossolo Vermelho Amarelo e Neossolo Litólico Eutrófico.

As limitações impostas pelo solo ao uso dos recursos naturais são variáveis, de muito pequenas a elevadas, destacando-se aquelas ligadas a características de fertilidade natural da maioria dos solos, enquanto o clima apresenta média restrição ao uso. O relevo, por sua vez, apresenta comportamento diferenciado nessa unidade: enquanto a maior parte da área é composta por relevo plano e suave ondulado, conferindo grau de limitação baixo e muito baixo, há algumas áreas de topografia mais acidentada, principalmente os maciços residuais, que apresentam elevada a muito elevada restrição por relevo.

Apesar da pouca utilização dos solos, verifica-se quase sempre a adoção de práticas rudimentares e altamente agressivas ao meio ambiente, envolvendo freqüentemente a rotação de terras, o uso de queimadas e o plantio obedecendo ao caimento do relevo. Predominam nesta área as culturas de subsistência e a criação extensiva de gado, com rebanhos bovinos e caprinos de raças mistas.

Ainda é comum nesta unidade a produção de carvão com o corte de espécies da vegetação nativa, fato que tem contribuído para sensível ameaça às espécies de maior porte do ambiente das caatingas.

DEPRESSÃO DE ITABUNA-ITAPETINGA

Esta unidade abrange o extremo sudeste da região, sendo caracterizada por topografias rebaixadas, com altitudes que variam normalmente entre 200 e 400m.

Encontra-se submetida a clima tropical semi-úmido, apresentando cobertura vegetal de Floresta Estacional, que está sendo progressivamente devastada e transformada em pastagens.

O escoamento superficial difuso e concentrado elementar entalha sulcos e ravinas em toda a área, formando às vezes alvéolos de cabeceira. É comum a ocorrência de terracetes nas encostas, formados pelo pisoteio do gado. Em alguns trechos desta unidade verifica-se também a ocorrência de marcas de movimentos de massa. Uma característica marcante, principalmente nos arredores da cidade de Itapetinga, é a ocorrência de termiteiros com alta densidade, fato que dificulta a mecanização dos solos agrícolas.

Face ao estágio atual de evolução morfogenética desta unidade, é comum a ocorrência de pavimentos e paleopavimentos detríticos, refletindo-se nas linhas de pedra, muito comum na área, normalmente a cerca de 1m de profundidade, bem como na ocorrência de pedregosidade superficial em alguns trechos.

Os solos dessa unidade obedecem uma distribuição espacial, onde o trecho leste é marcado pela ocorrência de Chernossolo Argilúvico, a área central caracteriza-se pelo desenvolvimento de Luvissoilo Crômico, enquanto os trechos mais deprimidos, nos arredores de Itapetinga e Itambé possuem solos do tipo Argissolo Vermelho Amarelo Distrófico.

O processo de ocupação territorial da Depressão de Itabuna-Itapetinga foi feito sem nenhuma preocupação com o meio ambiente, sendo as atividades agropastoris baseadas no desmatamento generalizado para a implantação das pastagens. Ainda hoje, o pouco de mata que resta, vem sofrendo com o manejo inadequado, pois os agricultores colocam fogo nas pastagens, atingindo também os remanescentes da vegetação nativa.

Em decorrência desta expansão, foram cometidos, em algumas áreas, sérios equívocos, como: remoção total da vegetação original, superpastejo, e ausência de adubação de manutenção. Estes fatores causaram o empobrecimento do solo, com conseqüente queda da

O uso do solo e a questão ambiental na Região sudoeste da Bahia - Brasil

Meirilane Rodrigues Maia

Edvaldo Oliveira

Espedito Maia Lima

capacidade de suporte das pastagens, ocasionando também uma queda nas atividades comerciais e de outras atividades terciárias nos municípios da região.

Os cursos d'água deste subespaço vêm sofrendo constantes agressões, tanto pelo assoreamento, quanto pela canalização dos esgotos domésticos e industriais.

A contaminação do rio Verruga aumentou o número de casos de esquitossomose e outras doenças transmitidas pela água, especialmente para a população ribeirinha, que ainda utiliza de suas águas para banho, irrigação e abastecimento doméstico. Da mesma forma a contaminação do Rio Colônia apresenta sérias ameaças a qualidade ambiental do Rio Cachoeira.

Foram diagnosticados também graves problemas decorrentes das atividades mineradoras, visto que, após a escavação e retirada da matéria-prima, os locais são abandonados com as crateras abertas, muitas vezes sem a implantação do PRADE. No período chuvoso as crateras recebem água da chuva, transformando-se em verdadeiros reservatórios insalubres para as populações mais pobres. As principais explorações de minérios na região são: em Itapetinga (calcário e brita); Potiraguá (granito); Maiquinique (grafite); Itambé (feldspato).

ALGUMAS PROPOSIÇÕES PARA PLANOS DE GESTÃO TERRITORIAL COM BASE NA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

Com base na análise dos principais problemas de uso dos recursos naturais na Região Sudoeste da Bahia, propõem-se algumas medidas para a superação de tais conflitos, dentre as quais se destacam:

- Adoção de uma política de incentivo aos municípios para elaborarem seus Planos Diretores Urbanos, realçando os cuidados com as questões ambientalistas e colocando efetivamente em prática o instrumento elaborado;
- Ações conjuntas dos poderes públicos municipais, estadual e federal, juntamente com entidades ambientalistas, órgãos de fomento, instituições de pesquisa e empresas privadas, no sentido de criarem unidades de conservação da natureza, representativas dos ecossistemas da região, na forma de Parques, APAS, RPPNs, etc.;
- Implementação de sistemas adequados de coleta e destino final do lixo urbano das pequenas e médias cidades, principalmente através de consórcios intermunicipais;
- Estudo e mapeamento dos remanescentes das matas ciliares e de projetos para o seu reflorestamento;
- Adoção de políticas de recuperação de áreas degradadas, de forma a recompor suas características ambientais e permitir uma melhor utilização das mesmas;
- Adoção de medidas conjuntas entre os Municípios e o Estado, no sentido de implantar Planos Diretores de Bacias Hidrográficas, traçando-se políticas para o uso sustentado dos recursos hídricos da região;
- Incentivo a implantação de Programas de Educação Ambiental;
- Melhor distribuição de coletores de lixo nos centros urbanos, como forma de inibir o lançamento de lixo em lugares impróprios, principalmente em feiras-livres, mercados, ceasas, praças públicas, pontos de ônibus, etc.;
- Maior controle, por parte das autoridades municipais, das atividades extrativas de madeira, como o cadastro das empresas que trabalham no setor;
- Maior controle dos desmatamentos e incentivo a implantação de consórcios entre os produtores e consumidores de lenha e madeira, através do plantio de espécies de crescimento rápido em áreas de pastagens degradadas;

O uso do solo e a questão ambiental na Região sudoeste da Bahia - Brasil

Meirilane Rodrigues Maia

Edvaldo Oliveira

Espedito Maia Lima

➤ Monitoramento periódico da qualidade das águas nos rios e córregos, e nas barragens, com a finalidade de detectar possíveis problemas de contaminação por parte do uso dos agrotóxicos e esgotos urbanos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Secretaria Geral. Projeto RADAMBRASIL. Folha SD 24 Salvador; geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra. Rio de Janeiro: MME, 1981. 624p.